



O USO DE OSTEOTÉCNICA COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Lima, T. A. G.¹ ; Ramos, C. L.¹ & Lima, R. N.²

1. Alunas de graduação em Biologia - CEFET-PI/UNED Floriano. 2. Professor do curso de graduação - CEFET-PI/UNED Floriano.

INTRODUÇÃO

Uma das dificuldades de se introduzir noções de educação ambiental junto às comunidades tradicionais é convencer seus membros de que a fauna, que muitas vezes é vista apenas como recurso alimentar ou como causadora de danos às lavouras e às criações domésticas, possui importância no equilíbrio dos ecossistemas e na oferta de muitas funções ambientais (Dajoz, 2007). Um dos motivos pelos quais isso ocorre é pelo desconhecimento dos hábitos de muitas espécies e apenas a explicação teórica fica muitas vezes com pouco crédito e/ou difícil de ser compreendida. Nesse sentido, quando é possível visualizar a estrutura dos animais e fazer relações das suas estruturas com as funções que elas desempenham na biologia dos animais se torna mais fácil a apreensão dessas noções. Se essas estruturas são apresentadas na forma da estrutura óssea (osteotécnica) dos animais, agrega-se ao fato anterior um poderoso recurso didático com poder de despertar o interesse e a curiosidade das pessoas e assim, facilitar os primeiros contatos com os atores de interesse.

OBJETIVOS

Foi objetivo desse estudo avaliar o potencial de uso de osteotécnicas como elemento facilitador da implantação de estratégias de educação ambiental visando à conservação dos recursos faunísticos.

MATERIAL E MÉTODOS

Localização

O presente estudo foi desenvolvido na periferia da cidade de Floriano - PI, em comunidades que têm a caça como elemento tradicional na sua cultura, além do hábito de exterminar alguns animais devido à crença de que eles são nocivos às suas culturas agrícolas e/ou às suas criações domésticas.

MÉTODOS

Inicialmente foram entrevistadas 40 pessoas sobre aspectos relativos aos hábitos de caçar e sobre o porquê de exterminar animais nativos. A seguir, foi apresentada a essas pessoas e a outras interessadas, uma coleção de osteotécnica de vertebrados terrestres desenvolvidas por alunos de Biologia da UNED Floriano estruturada de acordo com Auricchio & Salomão (2002) e contendo exemplares de Anfíbios Anuros, Répteis (especialmente Ofídeos peçonhentos e não peçonhentos, mas também Lacertídeos) e Mamíferos (ordens Rodentia, Carnívora e Chiroptera). Todos os animais utilizados para aplicação dessa técnica foram obtidos mortos, a maioria vítimas de atropelamentos e alguns entregues por desconhecidos aos alunos da UNED Floriano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes da apresentação da coleção de osteotécnica e dos esclarecimentos sobre como as estruturas dos animais podem elucidar aspectos da sua biologia houve unanimidade de respostas quanto à noção de perigo ou de danos que os animais silvestres podem trazer ao homem. No momento da apresentação dos animais (sapo, rã, perereca, jibóia, corais verdadeira e falsa, jararaca, cascavel, iguana, preá, rato do mato, gato do mato, cachorro do mato e morcegos frugívoros e hematófagos) aos entrevistados, todos os espécimes causaram certo asco nos participantes, principalmente antes das explicações que relataram as relações das suas estruturas com seus hábitos de vida.

Entretanto, após as explicações, especialmente de alguns casos mais curiosos como a diferenciação entre as cobras peçonhentas e as não peçonhentas, entre os morcegos frugívoros e aqueles hematófagos e dos roedores e seu papel na dispersão de sementes, houve considerável espanto associados aos relatos que expressaram o reconhecimento da ignorância sobre a biologia desses animais, associada à necessidade de

conhecer melhor sobre a fauna para poder conviver com a natureza.

Essa tendência foi relatada por Sato (2002) segundo a qual boa parte das resistências às estratégias de educação que visam a causar mudanças de posturas sobre questões ambientais enfrentam o desafio do preconceito e a aplicação de abordagens que atuem no rompimento dessas barreiras é aspecto fundamental no sucesso das iniciativas de educação.

Nesse sentido, após a aplicação dessa abordagem foi possível perceber que a receptividade da comunidade às iniciativas de abordar o controle da caça e do extermínio e o respeito ao meio ambiente em geral foi alterada, passando de uma visão utilitarista do uso dos recursos naturais para um posicionamento capaz de enxergar o homem como mais um componente do meio em que habita e que deve respeitar limites para poder continuar desfrutando dos favores ambientais que a natureza realiza.

Nesse contexto Wilson (1997) alertou para o valor da biodiversidade contida nos ecossistemas naturais e que esse valor só pode ser utilizado de forma sustentável se houver respeito aos limites que o ambiente naturalmente impõe às atividades humanas e pela compreensão do papel que as diferentes partes desse sistema desempenham no seu equilíbrio.

CONCLUSÕES

Diversas abordagens de educação ambiental não atingem o objetivo necessário devido à carência de uma aproximação prévia com os atores que se pretende trabalhar, para tentar apreender o seu inconsciente coletivo e, principalmente, pela falta de uma estratégia sensibilizadora inicial para o problema a ser abordado. Nesse estudo pôde ser verificada uma sensível alteração no comportamento e receptividade da comunidade estudada pela inserção inicial de um material pedagógico, a osteotécnica, que atuou como atrator da atenção das pessoas a serem sensibilizadas para o assunto relacionado à caça e ao extermínio de animais silvestres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Auricchio, P. & Salomão, M.G. 2002. **Técnicas de coleta e preparação de vertebrados**. Instituto Pau Brasil. 348p.

Dajoz, R. 2007. **Ecologia**. Artmed editora. 547p.

Sato, M. 2002. **Educação ambiental**. Ed. Rima. São Carlos. 66p.

Wilson, E. O. 1997. **Biodiversidade**. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2ª. ed. 657p.